

O HUMOR COMO CONVITE À REFLEXÃO A RESPEITO DA AMÉRICA LATINA EM CHARGES JORNALÍSTICAS¹

Fábio Marques de Souza
Angela Patricia Felipe Gama

O humor é, nas pessoas, um elemento terrivelmente desconhecido. Pode unir um povo inteiro como o não fazem os costumes e a própria língua (Augustina Luís Bessa).

O texto apresentado neste artigo parte da nossa experiência enquanto participantes do *I Congreso de la LenguaS: por el reconocimiento de una Iberoamérica pluricultural y multilíngüe*, realizado em Rosário, cidade da República Argentina que sediou, simultaneamente, este evento e o *III Congreso Internacional de La LenguaEspañola*.

O *I Congreso de la LenguaS* possibilitou um espaço de reflexão a respeito das políticas linguísticas que permeiam a unidade e a diversidade da língua espanhola e a convivência com as línguas dos povos originários no território ibero-americano.

O evento oficial, o *III Congreso Internacional de la Lengua*, liderado pela *Real Academia Española* e pelo *Instituto Cervantes*, promoveu a cidade de Rosário ao pódio de Capital Internacional da Língua Espanhola, contou com a presença dos Reis da Espanha, acadêmicos e profissionais da indústria cultural, ocupando-se do eixo temático *Identidad Lingüística y Globalización*.

Como forma de reflexão acerca dos costumes, idiomas e culturas dos povos originários ibero-americanos, surgiu o contra congresso, reunindo um conjunto heterogêneo formado por instituições acadêmicas, organizações sociais e de direitos humanos, comunidades indígenas, movimentos de empresas recuperadas, pesquisadores, jornalistas, todos voltando seus olhares *por el reconocimiento de una iberoamérica pluricultural y multilíngüe*:

Decidimos agruparnos para organizar el I Congreso de LaSLenguaS en defensa del derecho de autodeterminación lingüística de los pueblos del mundo. Así, un colectivo heterogéneo de instituciones académicas, organizaciones sociales y de derechos humanos, comunidades aborígenes, movimientos de empresas recuperadas, documentalistas, docentes, etc, nos reunimos (...) Soñando con crear un espacio para la diversidad dimos lugar a un foro de reflexión y debate en torno a las más variadas y profundas cuestiones glotopolíticas que se ha construido en una clara demostración

de lo que puede la fuerza popular. Sin dinero, lejos del poder del Estado (pero muy cerca del de la gente) hemos contruido, juntos, la agrupación LaSLenguaS que con sus <<eses>> en mayúsculas pretende dar cuenta de la pluralidad ideológica de su composición en un intento de rescatar las voces y reclamos de los pueblos y culturas minorizadas. Porque creemos que un auténtico diálogo intercultural y multilingüe no se genera subordinando el discurso propio a la voz hegemónica. Pretendemos interpelar el discurso oficial para ser protagonista de nuestras vidas. [...] Sabemos que el intento de homogeneización que implica el hecho de borrar las características particulares, que muchas veces ha usado a la lengua como herramienta de poder, no ha impedido reafianzar estrategias identitarias que permiten seguir siendo uno, en relación con los otros. [...] Uno de nuestros objetivos fundamentales es superar, en el marco del diálogo entre diversas culturas e idiomas, el estigma de Babel para que la diferencia no sea sinónimo de destrucción e incomunicación sino fuente inagotable de creación y respeto (LAS LENGUAS, 2007).

Os pensamentos discutidos nos dois eventos, durante os dias 15 a 20 de novembro de 2004, foram difundidos pela mídia local e internacional. Para além da discussão linguística, chamou-nos a atenção o inter cruzamento dos diversos códigos que compõem o gênero charge jornalística que, por articular as linguagens verbal e visual, nos permite um estudo mais detalhado da crítica a um fato por meio da imagem e palavra.

Chamou-nos a atenção as charges publicadas pelo jornal rosarino *La Capital*: a capacidade que esse gênero tem de relacionar a imagem com a ironia e o exagero, demonstrou, de forma humorística e carnavalizada, possíveis leituras do posicionamento dos falantes em relação aos acontecimentos culturais e suas implicações nas dimensões política e social.

Como embasamento teórico e suporte metodológico para a análise dos dados, optamos por compartilhar os fundamentos de compreensão dos mecanismos geradores dos signos na cultura. Para tanto, compartilhamos as reflexões a respeito dos conceitos de linguagem e sistemas culturais como auto-organização de mensagens e da cultura como texto.

PENSAMENTOS ACERCA DA CONSCIÊNCIA DE AMÉRICA LATINA

Na imbricação das tradições preservadas pela memória coletiva com o processo contemporâneo de modernização dá-se a identidade latino-americana: permeada por diferentes temporalidades e matrizes culturais que superam a dualidade embasada na restauração das raízes em contraposição à concepção do povo como obstáculo para o desenvolvimento.

Mario Vargas Llosa, em seu percurso poético, evidencia uma preocupação com as circunstâncias histórico-culturais da América Latina e questiona o "que significa se sentir um latino-americano?". Como resposta, o escritor nos apresenta:

Em primeiro lugar, ter consciência de que as demarcações territoriais que dividem nossos países são artificiais, ucases políticos impostos de maneira arbitrária na época colonial e que os líderes da emancipação e os governos republicanos, em vez de repararem, legitimaram e às vezes agravaram, dividindo e isolando as sociedades cujo denominador comum era muito mais profundo que as diferenças particulares (VARGAS LLOSA, 2006, p.7).

Este ensaísta é mais que um fazedor de estórias, já que seu potencial deixa evidente sua habilidade de ser um "fazedor de história: cujo gesto escritural peregrina pelo passado com plena propriedade poética" (MILTON, 2006, p. 212).

O intelectual, em seu *Dicionário Amoroso da América Latina* tomou a liberdade de redesenhar terras que, nos mapas convencionais, parecem destacadas umas da outras. O peruano cita que não se pode entender a América Latina sem sair dela e observá-la com os olhos, e também, os mitos e os estereótipos que dela têm sido elaborados no estrangeiro (VARGAS LLOSA, 2006).

Segundo o escritor, somente no campo da culturaⁱⁱⁱ a integração latino-americana se aproximou de ser real, imposta pela experiência e pela necessidade. Nos campos político e econômico, os organismos para integrar a região não funcionaram bem, devido aos reflexos nacionalistas enraizados em todo o continente.

As fronteiras nacionais não refletem as verdadeiras diferenças que existem na América Latina. Estas se dão no seio de cada país de maneira transversal, englobando regiões e grupos de países.

Há uma América Latina ocidentalizada, que fala espanhol, português e inglês e é católica, protestante, atea ou agnóstica, e uma América Latina indígena, que reúne milhões de pessoas, e que conserva instituições, práticas e crenças de raiz pré-colombiana. A América indígena, contudo, não é homogênea: na verdade, é outro arquipélago e passa por diferentes níveis de modernização. Enquanto algumas línguas e tradições são patrimônios de vastos conglomerados sociais, como o quíchua e o aimará, outras, como é o caso das culturas amazônicas, sobrevivem em comunidades pequenas, às vezes com poucas famílias (VARGAS LLOSA, 2006, p.8).

Em seu discurso, Vargas Llosa reforça a ideia de uma América Latina com traços marcantes de mestiçagem. A diversidade multicultural faz dela um protótipo do mundo. A busca pela definição de uma identidade latino-americana tem sido recorrente em nossa cultura,

Da mesma forma como em outras partes do mundo, essa mania de determinar a especificidade histórico-social ou metafísica de um conjunto gregário já fez correr oceanos de tinta na América Latina e gerou ferozes discussões e intermináveis polêmicas (VARGAS LLOSA, 2006, p.9).

Assim sendo, para o pensador peruano, definir a identidade latino-americana é uma pretensão tão inútil quanto impossível, pois a identidade é algo que as pessoas têm e que falta às coletividades, uma vez que superam os condicionamentos tribais.

O ENTRECruzAMENTO DE HUMOR E POLÍTICA NAS CHARGES COMO CONVITE À REFLEXÃO

Neste ponto, buscaremos nas charges, a partir do entrecruzamento de reflexões, os olhares, os diferentes discursos imbricados. Enfim, a criação de espaços que possibilitem críticas e protestos aos acontecimentos.

A charge como elemento de determinada cultura, sempre estará diretamente relacionada ao processo histórico em que foi constituída. Sua amplitude se constitui pela caricatura, que é dinâmica, sendo sempre reiterada, atualizada, híbrida. De acordo com Canclini (1991), as caricaturas são conceituadas como gênero híbrido porque são práticas que desde o seu nascimento ignoram o conceito de coleção patrimonial. Lugares de intersecção entre o visual e o literário, o culto e o popular, elas trazem o artesanal para perto da produção industrial e da circulação de massa:

Sem o contexto, é impossível interpretar a charge e, como distanciamento temporal em relação ao fato, a charge vai perdendo sua capacidade de comunicação. A charge é um tipo de registro da história que necessita para uma interpretação aberta estar relacionada aos eventos político culturais de seu tempo (NERY, 1998, p. 87)

Na leitura das charges, humor e política se cruzam, propondo diversos pontos de reflexão, criando espaço para a opinião do leitor e possibilitando a reconstrução de significados. Conforme nos apresenta Brait (1996), trata-se de uma convivência estabelecida entre o enunciador do discurso e o leitor, capaz de transcender a literalidade para vislumbrar, justamente por meio das marcas aí instauradas, as significações ao mesmo tempo sugeridas e escondidas por esse espaço significante.

A releitura dos fatos jornalísticos feita pelo humor gráfico se apresenta como uma inversão e revisão de acontecimentos. Além disso, ela possibilita a desconfiguração e a reconfiguração da inversão de imagens.

As análises que apresentamos, a seguir, revelam a charge como um elemento transgressor que, por meio do humor, questiona a relação de encontro entre o colonizador e o colonizado, revelando elementos da identidade latino-americana.



Imagem 1: Charge do cartunista Dachí, publicada no jornal *La Capital*, em 14/11/2004^{iv}.

- *Estamos verificando a cidade onde vão residir os Reis da Espanha durante o Congreso... somos integrantes da Casa Real.*
- *Nós também...*
- *Como?!*
- *Ahh... Você achava que esta casa não era real?...*

Dachí abrange aqui uma crítica robusta e passível de eloquências argumentativas com o tema colonização, colonizado e rupturas culturais. Desde que o último vice-rei espanhol foi deposto, em 1810, a Argentina apresenta uma independência, quase que em sua totalidade, do colonizador. Isso inclui até mesmo o modelo político monárquico e a escolha pelo regime presidencialista. O deboche vislumbrado na charge tem implícito certo revanchismo, natural na maioria das histórias de colonizados e colonizadores. Outro importante ponto de análise da charge está no contraste de cores. Na parte "espanhola real" as cores são fortes (até emblematicamente em razão das cores da bandeira do país) e gritantes, dando um ar de superioridade e grandiosidade. O cenário de fundo todo envolto em azul remete claramente ao cromatismo celeste da bandeira portenha, e cores apagadas como azul claro, lilás e rosa compõe a residência argentina. O rosa pode, inclusive, ser interpretado como uma alusão à Casa Rosada, sede da presidência da República Argentina.

Do ponto de vista linguístico, a ambiguidade criada a partir da palavra *real* reforça o tom crítico, uma vez que proferida pelo representante da casa real, ela indica realeza e, mencionada pelo cidadão argentino, significa realidade, aquilo que não é imaginário. Por outro lado, a charge não deixa de fazer a autocrítica social do país, aproveitando o intercâmbio cultural do *Congreso de laS lenguaS*.



Imagem 2: Charge do cartunista Dachi, publicada no jornal *La Capital*, em 16/11/2004^v.

- *Senhor... O senhor que saber muito... mostrar a língua... não ser falta de respeito?*

Muito parecida com a imagem 1, anteriormente analisada, o alvo é novamente o assunto colonizador-colonizado, só que desta vez sob uma ótica mais específica. O tema aqui flerta com as origens da colonização portenha e do processo de aculturação sofrido pelos colonos indígenas (encomendados, termo usado para designar escravos da colônia). A cor predominante de verde no fundo ressalva não um ar de neutralidade e sim um ambiente silvícola, *habitat* original dos povos originários, para enfatizar a propositura da questão levantada.

Identificamos, no nativo, formas estigmatizadas de vestimenta e de pronúncia da língua estrangeira. Ele faz um joguete infantil que torna a palavra "mostrar" ambígua, já que para as crianças se ensina que expor o órgão língua para fora da boca é um ato de desrespeito aos mais velhos.

Sua fala se apresenta como a característica de uma reivindicação, correndo sempre o risco de ampliar razões linguísticas à razões estéticas,

políticas e econômicas, de querer eliminar o inimigo do ponto de vista histórico cultural. Essa é uma forma de afirmação nacionalista de construção da identidade.

A alusão a um elemento típico da infância revela também a relação entre o novo mundo e o velho mundo.



Imagem 3: Charge do cartunista Freddy, publicada no jornal *La Capital*, em 20/11/2004^{vi}.

- Lutou para que tenhamos um país melhor.
- Que ingênuo!

Esta charge, assinada pelo cartunista Freddy e publicada no jornal *La Capital*, em 20/11/2004, destaca o grande herói, considerado "pai da pátria", José San Martín. Este foi o líder da libertação espanhola, cuja obstinação libertou países como Argentina, Peru e Chile. As cores de fundo remetem claramente às cores da bandeira Argentina, inclusive com o sol, também presente na flâmula portenha. A diferença é a inversão do astro da esquerda para a direita, em relação à bandeira. Esta inversão também se apresenta nos valores atribuídos ao senhor de idade e ao jovem. O discurso inflamado de ufanismo lúdico do senhor e a crítica lacônica e sóbria do garoto mostram este negativo ideológico que se forma na charge.

Observa-se a presença de três indivíduos que vivem em tempos diferentes: a estátua de San Martín, que representa um tempo passado de lutas; o homem mais velho, que pode ser identificado como a figura do pai que quer educar o filho para a consciência de cidadão livre e, finalmente, o filho,

que se mostra como indivíduo globalizado, que usa *jeans* e, apesar da faixa etária, não se deixa levar pela ingenuidade da infância.



Imagem 4: Charge do cartunista Dachi, publicada no jornal *La Capital*, em 21/11/2004^{vii}.

- Não entendo... O senhor esteve em um congresso com os Reis e em outro com os indígenas... Qual é a explicação racional?...

- Sei lá... o que eu gosto mesmo é dos Congressos!

Nesta charge, Dachi explora o fato de José Saramago ter participado dos dois eventos, o oficial e o contra congresso. A fala proferida pela figura que representa o escritor português revela um tom de imparcialidade e vazio, colocando os dois eventos em postos de não importância, como se toda a questão ideológica dos mesmos se resumisse a um simples e rotineiro evento.

As cores da bandeira espanhola são colocadas de fundo, numa alusão ao país e também em valores semióticos: o amarelo traz empiricamente a sensação de covardia, ou apatia, submissão; o vermelho, cor bem forte e marcante remete, além da vergonha, à raiva, ao ódio e também ao sangue (símbolo das lutas colonialistas).



Imagem 5: Charge do cartunista Dachi, publicada no jornal *La Capital*, em 22/11/2004^{viii}.

- *O que eu não entendo, Senhor Ernesto, é porquê quer minha camiseta, se o Che não chegou a me ver jogar...*
 - *Justamente por isso... se ele tivesse visto, ao sair correndo, ao invés de ficar e lutar na América Latina, hoje seria herói no Afeganistão.*

Esta charge, do cartunista Dachi, representa um interessante encontro entre Ernesto Sábató, famoso escritor e militante do partido universitário comunista e um fictício jogador do Rosário Central, time mediano do futebol Argentino. Sábató, como grande líder comunista de seus tempos de universitário, trata da importância de Che Guevara como revolucionário latino-americano proporcionalmente à mediocridade do time local do jornal *La Capital*, o Rosário Central.

Outro ponto importante é a citação ao Afeganistão como suposto ponto de bravura de Che Guevara nos dias atuais. Esta alusão é uma sutil crítica ao imperialismo norte-americano e as vicissitudes deste povo com a América Latina. O quadrante demarcado mostra o lado esquerdo do campo, indicação clara à esquerda política. O número 90 sugere uma citação à Copa do Mundo de 1990, na qual a seleção argentina foi derrotada na final pela Alemanha e, por esta ocasião, tinha apenas um herói: Maradona. Existe esta inversão de herói e anti-herói nos dois sentidos: Che x Jogador do Rosário e Maradona x Jogador do Rosário, tornando o personagem deveras importante no contexto criado de anti-herói.

Ao longo deste item, nos dedicamos a buscar, nas charges, os olhares, os diferentes discursos imbricados. Isto é, a compreensão dos espaços criados de forma a possibilitar críticas e protestos aos acontecimentos. O gênero charge faz parte do arcabouço social acumulado por determinada comunidade e está diretamente relacionado ao processo histórico em que se forjou. Sua amplitude se constitui pela caricatura, que é dinâmica, sendo sempre reiterada, atualizada, enfim, híbrida.

Considerações

No percurso latino-americano, várias culturas se constituíram. Uma vez ultrapassadas as etapas do nacionalismo libertador, estamos ainda em busca de uma atitude cultural dotada de uma consciência pós-colonial. Cabe a nós encontrarmos uma terceira margem (além da arcaica e pré-histórica) que derive historicamente e das privações do presente^{ix}.

Dentre os desejos patentes nessa observação, destaca-se a tendência geral de admiração da sua cultura pelo outro, principalmente quando o outro habita o lócus cultural do chamado Primeiro Mundo. O encontro dos dois mundos metaforizados pelos congressos, que ocorreram na cidade de Rosário, é um forte exemplo de fusão temporal que leva tanto o colonizador como o colonizado a um lugar de desejos de evasão, de exotismo e de folclores das culturas receptoras.

O dito Primeiro Mundo pretende, em seu imaginário, que os latino-americanos sejam pitorescos, coloridos e mágicos, têm dificuldade em vê-los como iguais, ainda que não completamente idênticos. Semelhança que é autorizada pelas nossas origens e a nossa história.

No percurso da necessidade de autoafirmação da cultura latino-americana, há uma espécie de confusão temporal, provocada pela presença de ambiguidade que faz com que as próprias línguas adquiram um caráter duplo de reserva arqueológica e prática revitalizante.

Encontramo-nos num momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado, presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.

As questões culturais na América Latina confundem-se com práticas de negação à herança cultural luso-espanhola, relações com a história dos seus países – sempre marcados pela instabilidade política e econômica, a pobreza e o desenvolvimento mal planejado.

Apesar de tudo, os países latino-americanos, assim como outros povos, se constituíram de várias culturas. Porém, foram mantidos sob o julgo de ditaduras culturais, militares e linguísticas. Para além das etapas do nacionalismo libertador, há o anseio por adquirir uma atitude pós-colonial concreta no que se refere à cultura.

Referências

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo: Escuta, 1991.

GAMA, A.P.F. & SOUZA, F.M.S. Algumas representações da identidade latino-americana em charges jornalísticas. *In: GAMA, A.P.F. & SOUZA, F.M.S. (Orgs.) Mídia, linguagem e ensino: diálogos transdisciplinares.* São Carlos: Pedro & João, 2013. Pp.: 255-272.

LAS LENGUAS, I Congreso: por el reconocimiento de una Iberoamérica pluricultural e multilingüe, 1., 2004, Rosario (Argentina). *Actas...*Rosario: Editorial Último Recurso, 2007.

MILTON, H. C. *Paisagens da história em Mario Vargas Llosa: a guerra, a festa, o paraíso.* Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Hispanistas. Florianópolis, 2004.

NERY, J. E. *Charge e caricatura na construção de imagens públicas.* Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

VARGAS LLOSA, M. *Dicionário Amoroso da América Latina.* (Tradução de Wladir Dupont & Hortência Lancaestre). Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ⁱUma versão preliminar deste texto foi publicada por Gama e Souza (2013).

ⁱⁱHouve, em 2007, a segunda edição do evento em Buenos Aires, com a temática: "*por el respeto a la interculturalidad y elejercicio de la memoria*" e, em 2010, em Rosario, realizou-se a sua terceira edição, sob o tema "*por la descolonización de la democracia*".

ⁱⁱⁱ Tomamos liberdade para relacionar, como possíveis exemplos, o PROLAM (Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina) da Universidade de São Paulo, a UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-americana), o curso de doutorado latino-americano do programa de pós-graduação em Educação da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e o próprio *Congreso de la LenguaS*.

^{iv} Disponível em: <http://archivo.lacapital.com.ar/2004/11/14/humor.shtml#>. Acesso: 01/junho/2015.

^v Disponível em: <http://archivo.lacapital.com.ar/2004/11/16/humor.shtml#>. Acesso: 01/junho/2015.

^{vi} Disponível em: <http://archivo.lacapital.com.ar/2004/11/20/humor.shtml#>. Acesso: 01/junho/2015.

^{vii} Disponível em: <http://archivo.lacapital.com.ar/2004/11/21/humor.shtml#>. Acesso: 01/junho/2015.

^{viii} Disponível em: <http://archivo.lacapital.com.ar/2004/11/22/humor.shtml#>. Acesso: 01/junho/2015.

^{ix} Conceito idealizado por Amálio Pinheiro.